

## MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR URBANA EM LUGARES PATRIMONIALIZADOS: O CASO DOS REMANESCENTES DA CAIEIRA BAJEENSE<sup>1</sup>

DARLAN ROSA<sup>1</sup>; ADRIANE BORDA<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [darlan6367@gmail.com](mailto:darlan6367@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [adribord@gmail.com](mailto:adribord@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

As reflexões sobre memória coletiva (HALBWACHS, 1990), cultura popular (ARANTES, 1995; CAAMAÑO, 2010), hibridização cultural (CANCLINI, 2008) e cidadania cultural (CHAUÍ, 2021) destacam que práticas culturais não apenas expressam sociabilidades, mas também redefinem usos e significados do espaço urbano. Esses referenciais permitem questionar modelos de preservação centrados na materialidade e discutir como manifestações simbólicas e registros comunitários podem contribuir para a reabilitação de lugares marcados por desuso ou perda de legibilidade histórica. Sob este viés, são abordados, neste estudo, os remanescentes da antiga Caieira Bajeense, no centro de Bagé (RS), conforme Figura 1. O conjunto original incluía casarão-sede, fornos e ramal ferroviário, mas a leitura como unidade se perdeu ao longo do tempo. Hoje, apenas dois fornos estão patrimonializados por legislação municipal (BAGÉ, 1998), o que revela a permanência parcial de estruturas sem política integrada de preservação e a diluição de referências sobre o conjunto da Caieira.

Figura 1: Área de estudo.



Fonte: do autor (2025).

Emergem questões sobre as imagens e sentidos atribuídos pela comunidade a um espaço fragmentado, sobre como registros e práticas locais dialogam com a ausência de um projeto de salvaguarda mais amplo e em que

<sup>1</sup> O presente trabalho está sendo realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

medida os aportes teóricos sobre cultura popular e cidadania cultural ajudam a compreender essas tensões. Para subsidiar essa reflexão, o estudo mobiliza análises de manifestações populares em contextos urbanos, como a pesquisa de Silva (2019) sobre o carnaval de rua em Bagé, que, embora não trate diretamente da Caieira, mostra como práticas coletivas podem redefinir lugares patrimonializados e serve de referencial comparativo para a leitura de registros fotográficos e apropriações simbólicas do espaço.

## 2. METODOLOGIA

A revisão bibliográfica fundamenta-se em Halbwachs (1990), Arantes (1995), Caamaño (2010), Canclini (2008) e Chauí (2021), sobre memória coletiva, cultura popular, hibridização cultural e cidadania cultural, além do estudo de Silva (2019) sobre o carnaval de rua em Bagé, utilizado como referencial comparativo para refletir sobre possibilidades de ressignificação comunitária em lugares patrimonializados, ainda que sem relação direta com a Caieira.

O estudo iconográfico, neste momento, analisa registros fotográficos de Santos (2025), observando como indivíduos e grupos se relacionam com os remanescentes da Caieira Bajeense e tratando as imagens como indícios de apropriação simbólica fora das instâncias oficiais de patrimonialização. A pesquisa em acervo documental (CORREIO DO SUL, 1935, 1946, 1970) reconstitui a presença da Caieira na história econômica e urbana de Bagé, evidenciando sua transição de complexo industrial a vestígio fragmentado e levantando questões sobre sua atual percepção, uso comunitário e lacunas de preservação como patrimônio urbano.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo iconográfico, baseado no acervo de Santos (2025) (Figuras 2(a), (b), (c) e (d)) evidenciam grupos e indivíduos em torno dos remanescentes da Caieira Bajeense. Embora a unidade do complexo tenha se fragmentado, os registros mostram o espaço como cenário de encontros e lembranças compartilhadas, tornando-se suporte de memória coletiva (HALBWACHS, 1990) e ativando narrativas locais distintas da patrimonialização oficial restrita aos fornos.

Figuras 2: (a) Irmãs de Santos (2025) na “ponte alta” e “ponte baixa”; (b) Santos (2025) e amigos; (c) Santos (2025) e amigos no “paredão da caieira bageense”; (d) Santos (2025) com irmãs e amigos nas ruínas da Caieira.



Fonte: Santos (2025).

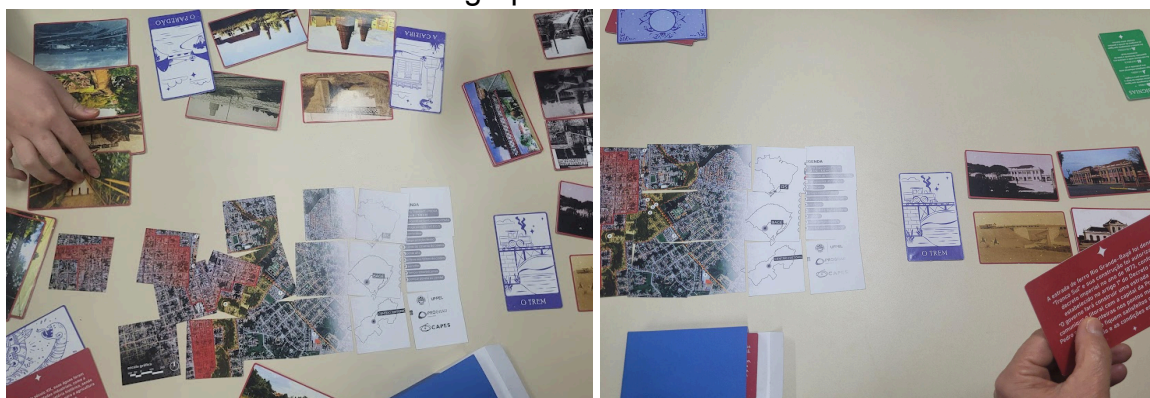
Esse uso simbólico desloca as ruínas de condição residual para referência cultural em circulação comunitária, em diálogo com a hibridização cultural (CANCLINI, 2008), ao cruzar vestígios industriais, ambiente natural protegido e



espaço de sociabilidade. A leitura iconográfica confirma a relevância de articular teoria e empiria para compreender a dimensão contemporânea da Caieira.

Ainda neste caminho, como estratégia exploratória, foi elaborado um baralho didático (Figura 3 e 4) no âmbito da disciplina de “Fundamentos para a docência de Representação Gráfica e Digital para Arquitetura”, que posteriormente foi testado em grupo focal. O objetivo era provocar reflexões sobre presença e esquecimento, permanência e transformação, permitindo que os participantes associassem imagens históricas e atuais à sua própria percepção do espaço.

Figura 3 e 4: Baralho do instrumento de educação patrimonial sendo aplicado com um grupo focal de teste.



Fonte: do autor (2025).

Na primeira aplicação, o instrumento revelou potencial para discutir a Caieira como paisagem cultural, abrindo possibilidade de uso futuro em atividades de educação patrimonial junto a escolas e comunidades. Esse resultado mostra como ferramentas lúdicas podem ampliar o diálogo entre pesquisa acadêmica e memória social.

Além disso, a qualificação da pesquisa histórica em jornais locais (CORREIO DO SUL, 1935, 1946, 1970) permitiu recuperar a centralidade da Caieira Bajeense na economia de Bagé durante o século XX, quando o setor de cal teve papel expressivo na dinâmica urbana. Os anúncios comerciais registram a atuação de diferentes empresas e destacam a Caieira Bajeense como grande produtora e exportadora (Figura 5).

Figura 5: Conjunto de anúncios.



Fonte: Correio do Sul (1935, 1946, 1970).

Ao confrontar esses dados históricos com a situação atual, marcada por ruínas fragmentadas e ausência de projeto integrado de preservação, evidencia-se a mudança de estatuto do espaço: de polo produtivo a vestígio

remanescente na paisagem urbana. Esse contraste reforça a relevância de analisar a apropriação simbólica contemporânea em diálogo com a história documental.

#### 4. CONCLUSÕES

A análise iconográfica e documental mostrou que a antiga Caieira Bajeense, embora não preserve a leitura de seu conjunto original, permanece presente na memória e nas práticas comunitárias de Bagé. Registros fotográficos evidenciam a apropriação simbólica do espaço em condição de ruína, funcionando como referência coletiva (HALBWACHS, 1990; ARANTES, 1995) e até mesmo incorporado à linguagem popular em expressões como “paredão da Caieira” ou a diferenciação entre “ponte alta” e “ponte baixa”. O levantamento de jornais confirmou a importância econômica da Caieira no passado, quando se apresentava como a maior exportadora e fornecedora de cal da cidade. A comparação entre essa visibilidade histórica e a atual condição de ruínas dispersas evidencia a passagem de núcleo produtivo a vestígio marginal, reapropriado pela comunidade e ressignificado em novas práticas sociais.

A pertinência do estudo está em compreender a Caieira como espaço que articula patrimônio material, memória social e cultura popular, para além do reconhecimento formal de seus fornos pela Lei Municipal nº 3.472/1998. A experiência com o baralho educativo mostrou potencial de mediação cultural, capaz de suscitar reflexões sobre permanência, esquecimento e transformação, indicando caminhos para a aplicação em escolas e grupos comunitários. Nesse sentido, a Caieira se coloca como campo de investigação e ação futura, onde processos de preservação podem se articular a práticas sociais vivas, contribuindo para políticas mais integradas e para a reabilitação do centro histórico de Bagé.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Antonio. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BAGÉ. **Lei Municipal n. 3.472, de 26 de outubro de 1998**. Declara patrimônio histórico e cultural do município as Torres da Caieira Bageense [...]. Bagé: Câmara Municipal de Bagé, 1998. Disponível em: <<https://sl1nk.com/c3uRc>>. Acesso em: 02 de maio 2025.
- CAAMAÑO, José Carlos. Aspectos de la cultura popular en la cultura urbana. **Teología**, v. 47, n. 103, p. 101-115, 2010.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cidadania Cultural: O Direito à Cultura**. 2. ed. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.
- CORREIO DO SUL. (Bagé, RS). Edições dos anos de 1935, 1946 e 1970. Arquivo Municipal Tarcísio Taborda, Bagé, RS.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- SANTOS, Jefferson Gonçalves Dos. Acervo da fototeca particular. Bagé, 2025.
- SILVA, Rafael Rosa. **Saí da vila e fui sambar lá no asfalto: território, sociabilidade e identidade negra no carnaval de rua de Bagé RS**. 2019. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades). Curso de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades. PPCULT: UFF, Niterói.